

• Nacional

POLÍTICA ECONÔMICA

Ministro da Economia diz que não há motivos para alterar o atual programa

por Getúlio Bittencourt
de Washington

As críticas que alguns políticos, particularmente o governador baiano Antônio Carlos Magalhães, estão fazendo à política econômica não abalaram o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, durante sua entrevista coletiva ontem à tarde na Embaixada do Brasil em Washington. "Eu sou marinheiro de outras águas", explicou.

Ele quis dizer que já viu outros governadores criticando ministros em viagem ao exterior. "Em 1963 vim a Washington acompanhando o ministro San Thiago Dantas, quando dois governadores lhe puxaram o tapete. Como eram influentes, tiveram sucesso, e a saída de San Thiago levaria, ou ajudou a levar, ao impasse institucional que se seguiu", disse Marcílio, numa sombria referência indireta ao golpe militar de 1964.

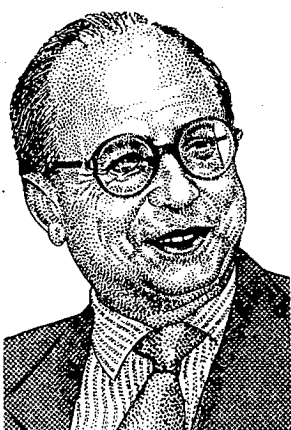
Ao seu lado, o presidente do Banco Central do Brasil, Francisco Gros, lembrou outra data, e Marcílio acrescentou: "Em 1987 eu também estava aqui, como embaixador". Gros, que também presidia o BC naquela época, lembrava as críticas do então governador paulista Orestes Quércia ao ministro da Fazenda, Dilson Funaro, que estava em Washington renegociando a dívida externa do Brasil e cairia pouco depois. Os governadores de 1963 eram o gaúcho Leonel Brizola e o carioca Carlos Lacerda.

Marcílio então registrou que, apesar disso tudo, "quem está na chuva é para se molhar". Quando lhe indagaram na sequência se as críticas que lhe foram dirigidas no Brasil prejudicam seu trabalho de negociação da dívida nos EUA, o ministro disse que seus interlocutores o conhecem há muito tempo e sabem que não se abalaria com uma crítica ou outra: "Ontem mesmo estive com o embaixador Lincoln Gordon, que me conhece desde 1958", argumentou.

O ministro da Economia declarou ainda com firmeza que "estamos em plena democracia, é natural que existam opiniões diferentes, mas elas não mudam minha linha de conduta, porque esta é ditada pelo presidente Fernando Collor de Mello".

Ele repetiria várias vezes ao longo da entrevista que a política econômica em curso não é sua, mas do presidente Collor, e por isso mesmo acredita que terá continuidade.

Outro motivo para sua discordância da crítica, atribuída ao governador



Marcílio Marques
Moreira

baiano, de que "nenhum ministro da Economia consegue ficar na cadeira com inflação de 22% ao mês: "Não vejo no momento a necessidade de mudar, sobretudo, por que a política econômica do presidente Collor começou a dar resultados e a inflação começou a cair de maneira mais consistente, embora com soluções que eu havia previsto", argumentou.

A queda da inflação adiante está impulsionada, a seu ver, pelo lado da oferta, com a política agrícola, e vai conviver com um modesto crescimento da atividade econômica, a partir da agricultura e do setor exportador. Um dia antes o ministro estimara esse crescimento em 2%.

Ele referiu-se também ao progresso na área externa, com a entrada dos investimentos estrangeiros, que acabaram por obrigá-lo a alongar o perfil dessas captações. "O dinheiro externo vai continuar fluindo, mas por períodos mais longos", esclareceu.

Marcílio divergiu ainda do índice de inflação inserido na crítica atribuída ao governador da Bahia, de 22%: "Minha percepção é de que vários índices, inclusive da Fundação Getúlio Vargas e do IBGE, estão caindo abaixo desse nível mencionado em abril, um deles divulgou ontem uma inflação abaixo de 20%. O índice da FIPE, que reflete mais o nervosismo de soluções sazonais, pode ser mais alto, mas nossa experiência tem sido de que esses índices acabam convergindo para baixo."

Ele concluiu lembrando que o governo não procura a estabilização da economia como um fim em si mesmo, ou de curto prazo, para resolver artificialmente seis meses ou doze meses de recessão — mas para permitir, adiante, depois da reforma fiscal, a "retomada de um crescimento mais sadio, que acaba com dez anos de recessão".